

Se “progresso” do conhecimento é ativação de possibilidades imanentes ao saber, o enriquecimento do pensamento pelos estímulos do mundo ambiente no seu assédio insistente, bem como a espontaneidade da apreensão de conhecimentos e inteleções até o momento não aproveitadas — então se pode caracterizar a transformação da Sociologia alemã pela atuação das novas determinantes como transformação em sentido progressivo.

Até que ponto, de resto, as características reveladas pela leitura do Dicionário exprimem a situação geral da Sociologia alemã no presente, é uma questão que só poderá ser respondida após a leitura de uma obra de exposição sistemática como o “Handbuch der Soziologie”, em vias de publicação pela mesma casa editôra.

*E. A. von Buggenhagen*

\* \* \*

ILSE SCHWIDETZKY, *Grundzüge der Völkerbiologie*. 312 págs., com 55 ilustr. Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, 1950. (Preço: broch. DM 17. —, encad. DM 19.60).

Esta obra, que acaba de ser traduzida para o espanhol, é acessível ao leitor latino-americano que não domina a língua alemã. Não é, porém, tal circunstância o motivo principal para comentá-la nesta revista. É pelo conteúdo e pela qualidade que o livro merece a atenção da crítica.

A autora considera a etno-biologia parte necessária de uma compreensiva ciência da vida em geral. Seu objeto material peculiar são as relações entre a estrutura hereditária do homem e o ambiente, definidas em termos de adaptação. “A totalidade dos processos etno-biológicos pode resumir-se, portanto, em um único conceito latente: a adaptação das comunidades de vida humana às condições do meio ambiente em que se situam” (p. 7).

A etno-biologia tem por objeto formal a exposição de conexões, capazes de serem expressas em leis e que atuam de forma determinante, entre a estrutura hereditária do homem e o respectivo ambiente. Para a autora, essa ciência tem de investigar principalmente três setores fundamentais:

1. o da biologia das migrações: De que forma atuam os fatos biológicos em relação com o espaço vital? Dêste ponto de vista abordam-se problemas tais como impulsos migratórios, mobilidade de povos, formas de peneiramento e seleção migratória.

2. o da biologia social: Quais os fatores biológicos responsáveis pelas mudanças na estrutura da sociedade; quais as reações, favoráveis ou desfavoráveis, sobre as disposições biológicas?

3. o da biologia da procriação, que investiga os aspectos biológicos da escolha de parceiro, do crescimento demográfico, da seleção natural na espécie humana, etc.

Os pontos de vista formais, em que pese o seu apriorismo, não decorrem de pura especulação, mas de observação cuidadosa em séries de vasto material empírico, tendo se revelado como os mais adequados à apreensão do objeto.

Longe de desdenhar o ceticismo em face do método da jovem ciência, a autora acentua a “falta de nitidez específica” condicionada pelo próprio objeto, isto é, pelos fenômenos de adaptação altamente complexos. É por isso que a etno-biologia, comparada a outras ciências naturais, obtém resultados exatos e seguros em grau muito menor. Pela própria natureza do objeto complexo — e não só pelo acervo ainda diminuto de conhecimentos

— o pensamento permanece não raro no plano de meras possibilidades, não podendo firmar-se, por ora, com segurança, no solo da investigação empírica. (p. 8-11).

Quem quer que se interesse pela matéria não deixará de considerar o livro de Schwidetzky obra de consulta obrigatória. À base do tríptico ponto de partida acima mencionado, a autora expõe numerosas idéias altamente sugestivas. O leitor integrado nas condições do continente americano sentir-se-á particularmente atraído pelas páginas relativas à biologia das migrações, em que os problemas são formulados e discutidos de maneira bastante original. Há mais, porém. Ainda que um tema como a "mobilidade dos povos" seja de importância também para a Europa, cujas unidades etno-biológicas resultaram de múltiplos movimentos de indivíduos, grupos e etnias, não resta dúvida de que os movimentos transoceânicos dos europeus para a América representam os fenômenos clássicos de migração; são também mais facilmente acessíveis à ciência, mercê de fontes históricas.

A autora aborda o objeto com a maestria já demonstrada em outros trabalhos. Já numa crítica anterior (*Revista de Antropologia*, vol. 3.º, n.º 1, p. 71-73), relativa a seu livro "Das Problem des Völkertodes", tivemos ensejo de apreciar as qualidades distintivas de sua atitude na investigação de problemas específicos. Tais qualidades sobressaem nesta obra, em que a autora, no entanto, não aborda apenas um campo limitado, mas expõe princípios fundamentais, realizando uma sinopse de toda a disciplina. Schwidetzky conseguiu dispensar o seu interesse, de forma homogênea, a todos os setores de tão amplo campo, resumindo os problemas particulares numa visão sistemática, sem se deixar levar por suas próprias predileções. A exposição caracteriza-se pela linguagem singela e pela organização correta dos pensamentos, enfim, pela ausência de complicações na expressão verbal e na condução do raciocínio.

Afigura-se interessante a manifestação, em alguns trechos da obra (p. 30 e 129-130), de pontos de vista condicionados por uma concepção do mundo; não se trata, porém, de simples opiniões pessoais, mas de idéias de fundo objetivo. Depois de verificar que a redistribuição de espaços costuma fazer-se pela violência, a autora pergunta, por exemplo, se a obediência a essa lei natural seria a única possibilidade de o homem agir em face de seus semelhantes. É externa uma idéia otimista: "Logo que o homem, como ser dotado de inteligência e de capacidade moral, obtenha clareza acerca de sua ação incoerente, não poderá aceitar, para o convívio dos grupos, normas diversas das que regem o convívio dos indivíduos" (p. 32).

A afirmação de que, no tocante à existência política, o passado animal do homem decorre da ignorância ontológica do cérebro humano, certamente não é só muito verdadeira: é, antes de tudo, uma interpretação "realista" em sentido mais elevado. Contudo, não é preciso ser profeta para predizer a multiplicidade de tentativas violentas, fontes de profunda miséria, que no futuro ainda se tornarão necessárias para levar as elites políticas a desistirem da tradição multimilenar da sua mentalidade, tornando-as acessíveis, após essa capitulação, ao apêlo das possibilidades da liberdade humana que se vislumbram do lado luminoso da realidade antropológica.

E. A. von Buggenhagen